



Incêndio na Chapada Diamantina (BA) no ano passado destruiu o equivalente a 340 parques do Ibirapuera

Joel Silva - 19.nov.2015/Folhapress

Número de incêndios no país cresce 27%

Queimadas florestais chegaram a 235.629 no ano passado, próximo ao recorde histórico de 249.291 registrado em 2010

Longa estiagem, falta de fiscalização e conjuntura econômica agravaram cenário, afirma pesquisador

VENCESLAU BORLINA FILHO
DE CAMPINAS

A longa estiagem, a falta de fiscalização e a conjuntura econômica elevaram em 27,5% —para 235.629— o número de focos de incêndios florestais no país em 2015, na comparação com 2014.

A constatação, feita pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), revela que os dados se aproximam do recorde histórico, registrado em 2010, de 249.291 ocorrências em todo o Brasil.

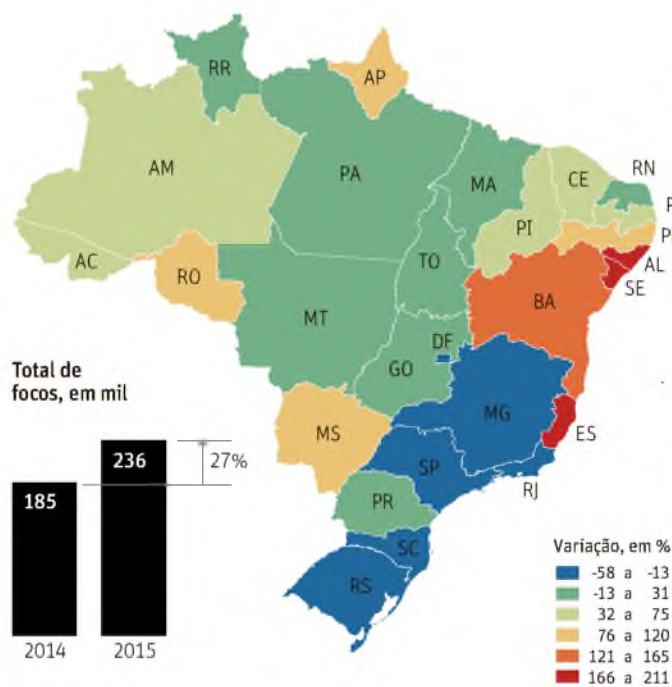
Segundo Alberto Setzer, coordenador do núcleo de queimadas do Inpe, o ano de seca facilitou a propagação do fogo pelo homem. “Não existe história de combustão natural. Foi atividade humana, seja por descuido ou proposital”, diz o pesquisador.

Os Estados recordistas em queimadas foram Pará (44.794), Mato Grosso (32.984) e Maranhão (30.066).

O pesquisador cita a falta de fiscalização e o momento econômico como agravantes para o cenário. Segundo ele, a elevação do preço da carne impulsionou o número de queimadas para a abertura

QUEIMADAS EM ALTA

Focos de incêndio no Brasil crescem 27% em 2015



Fonte: Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais)

	Variação, em %	Focos, em mil	2014	2015
Alagoas	211	0,2	0,6	
Espírito Santo	195	0,3	1,0	
Sergipe	188	0,1	0,3	
Bahia	134	7,9	18,4	
Mato Grosso do Sul	117	2,4	5,3	
Rondônia	89	7,6	14,4	
Pernambuco	80	0,6	1,1	
Amapá	77	1,5	2,6	
Amazonas	62	9,3	15,1	
Piauí	51	9,7	14,7	
Acre	43	3,8	5,5	
Ceará	36	2,5	3,4	
Paraíba	32	0,4	0,6	
Rio Grande do Norte	24	0,4	0,4	
Pará	24	36,0	44,8	
Maranhão	17	25,7	30,1	
Mato Grosso	17	28,3	33,0	
Tocantins	15	15,1	17,4	
Roraima	10	1,9	2,1	
Goiás	6	6,5	6,8	
Paraná	-5	2,3	2,2	
Minas Gerais	-15	12,4	10,6	
Santa Catarina	-19	1,1	0,9	
Distrito Federal	-32	0,3	0,2	
Rio Grande do Sul	-32	2,1	1,5	
Rio de Janeiro	-54	1,4	0,7	
São Paulo	-58	4,7	2,0	

de pasto para a pecuária.

Como exemplo, ele citou o aumento de 37,9% (para 80.518) nos focos de incêndio na região de Matopiba, formada por Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia e forte na produção de soja, milho e algodão.

“Nós só demonstramos indignação quando as queimadas atingem a Amazônia. Mas elas também avançam pelo cerrado, causando prejuízos ambientais na nova fronteira agrícola brasileira”, disse.

Para serem identificados

por satélites, os focos de incêndio precisam ter ao menos 30 metros de extensão por um metro de largura.

LONGA DURAÇÃO

Durante o ano, foram registrados no país incêndios

florestais de grandes proporções e longa duração, como na Chapada Diamantina (BA) —de outubro a dezembro— e em terras indígenas localizadas no Maranhão.

Os focos na Chapada Diamantina, segundo o governo

da Bahia, foram todos controlados no dia 29 de dezembro, após 64 dias. Cerca de 51 mil hectares, o equivalente a 340 parques Ibirapuera, foram destruídos.

Sem agentes suficientes para combater as queimadas, os governos estadual e federal precisaram da ajuda das Forças Armadas. O reforço também veio de brigadistas voluntários, na maioria moradores da região. Em nota, o governo da Bahia informou que investiu R\$ 14 milhões em aluguel de aeronaves e na compra de equipamentos.

Segundo o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), responsável pelo parque nacional, 250 pessoas atuaram no combate às chamas.

No sul do Maranhão, metade da terra indígena Arariboia ardeu em chamas por dois meses. Uma área equivalente a 260 mil campos de futebol foi destruída.

Ambientalistas ligados ao Greenpeace afirmaram que a ação foi criminosa, tomada por madeireiros da região, em retaliação aos índios. A região é um dos poucos remanescentes amazônicos do Maranhão e alvo de especulação.

Para Setzer, a tendência para 2016 é que o número de incêndios diminua. Um dos motivos é que haverá menos vegetação a ser queimada. “As florestas demoram a se recuperar”, afirma.